

## O sentimento de quem ficou na tenda

*Semanário A Capital*

*9 a 16 de Outubro de 2010*

Os populares transferidos para a Sapú-II não são todos, os que habitavam em tendas no campo da Maná. Os que ainda ficaram lá, fervem de ansiedade e receio de não virem a ser abrangidos, longe de saberem o drama que os seus companheiros vivem.

Manuel Francisco está entre as pessoas que ficaram no campo da Maná. Ele aguarda apenas que chegue a sua vez, para lhe ser dada uma casa para morar, condignamente, com a família.

«Levaram o primeiro grupo e, infelizmente, não nos disseram quando é que voltariam para nos levarem também.

Não sei se iremos continuar aqui mais tempo ou se os que foram, já receberam casas».

Nenita Gomes Mateus, por seu turno, lamenta a forma como foram seleccionadas as pessoas que foram levadas do campo para a Sapú-II, lembrando que os que ficaram são a maioria.

«Como é que os governantes vêm mais aqui fazer listas, se no primeiro dia já foram elaboradas listas, inclusive tiraram-nos fotografias? Isso é mesmo para criar desordem, porque nem todos os sinistrados se encontravam no campo, quando eles vieram», reagiu, para ilustrar de pois que a operação cadastramento para a transferência iniciou por volta das 9h 00, momento em que a maioria dos moradores das tendas já se tinham dispersado para as diferentes actividades.

«É claro que para conseguirmos ter alguma coisa para comermos, temos de trabalhar, vender ou fazer algum biscate. Ao chegarem às 9h00, fazerem uma lista e levarem o pessoal, é uma grande desordem. Deviam vir num dia e dar a informação que no dia seguinte ou num dia de comum acordo, as pessoas permaneçam no campo e, com as listas que o Minars e o próprio Governo Provincial têm, com as fotografias de cada pessoa, levar as pessoas», notou. Alguns habitantes das tendas do centro da Maná, dizem-se usurpados por oportunistas, favorecidos pelos responsáveis que dirigem o processo. Dizem mesmo que alguns oportunistas foram vistos a ocuparem as tendas deixadas pelo pessoal já transferido. Mas, por outro lado, o A Capital apurou que alguma gente, depois de posta na Sapúll e se deparado com as condições pouco dignas, preferiram regressar à procedência.

De recordar que os moradores do campo de acolhimento da Maná, ao Kilamba Kiáxi são provenientes dos bairros Golfel, Vila Estorial, Neves Bendinha, Palanca, Camama

e Havemos de Voltar.

Sem eira nem Beira

Contra todas as expectativas, as casas que, inicialmente, se pensava lhes estavam destinadas, algumas, afinal, já tinham donos lá dentro, o que despoletou uma forte onda de contestação, descontentamento, revolta e desilusão.

Este foi o estado de espírito em que encontramos duas velhas: Helena Dala e Teresa Francisco, por sinal, mãe e filha. A última, Teresa Francisco, está em situação degradante de saúde. Naturais de Kalandula, em Malange, um dia pensaram em deslocar-se para Luanda, em busca de uma vida melhor. Possuíam casa própria e sempre viveram apenas às duas.

A filha, era o suporte da mãe. Hoje, acometida de uma doença que, aos olhos da reportagem do A Capital, pareceu ser algo ligado à anemia, Teresa Francisco está, praticamente, inactiva. Tem os pés e o abdómen inchados.

Sua mãe, Helena Dala, já vai sentindo o peso da idade e, por isso, nada mais consegue fazer, nem para ajudar a filha, tão pouco para ela mesma. À estas duas senhoras solitárias foi atribuída uma casa, sem cobertura, nem as mínimas condições de habitabilidade.

Quando entramos, encontramos-las sentadas num canto da casa de um quarto. A filha deitada, e a mãe ao lado, sentada.